

O parto difícil de uma profecia erótica: o fundamentalismo religioso e a questão de gênero

*Marcelo Barros**

RESUMO

À primeira vista, assuntos como o fundamentalismo religioso e a questão de gênero se excluem e se ignoram. O primeiro nasceu e se desenvolveu como reação a qualquer pretensão de modernidade. É uma atitude de prevenção e fechamento a qualquer mudança. A segunda (a questão de gênero) é justamente uma exigência de paridade social e de relação humana, em que antes tal questão não era prevista.

Por sua própria natureza profética, a relação de gênero rompe tabus e suscita mudanças sociais, impossíveis de serem alcançadas no passado idealizado pelos fundamentalistas. Fundamentalismo e questão de gênero se excluem, seja quando se trata de fundamentalismo político nacionalista ou de fundamentalismo econômico, ou o mais espalhado de todos: o fundamentalismo religioso. Entretanto, não basta dizer isso. O assunto é mais complexo. Embora não me sinta especialista nem em um tema nem no outro, proponho-me conversar com vocês sobre as implicações de uma questão sobre outra e, se for possível, delinear algumas perspectivas. Tomarei aqui como questão o fundamentalismo religioso e suas implicações para as questões de gênero. Por questão de ética, não aceito escrever sobre situações internas de outras religiões que não sigo. Mesmo se, por cuida-

do ecumênico, eu aludir a situações que existem em várias religiões, devo, por exigência ética, me restringir ao fundamentalismo religioso nas igrejas cristãs. Escrevo estas linhas como provocação ao diálogo e, portanto, deixarei este texto, propositadamente, incompleto e aberto.

Palavras-chave: Gênero – Fundamentalismo – Cristianismo.

The difficult delivery of an erotic prophecy: religious fundamentalism and the gender issue

ABSTRACT

At first sight, subjects such as religious fundamentalism and gender issue mutually exclude and ignore themselves. The former was born and developed as a reaction to any pretension of modernity. It is an attitude of prevention and closing to any change. The latter (the gender issue) is precisely a demand of social parity and of human relation, when such question was not yet foreseen.

Due to its prophetic nature, the gender relation tears down taboos and rouses social changes, something impossible to be accomplished in the past idealized by the fundamentalists. Fundamentalism and gender issue mutually exclude themselves, whether it is the nationalist political fundamentalism, the economical fundamentalism, or the most divulged one: the religious fundamentalism. However, it is not enough to say so. The subject is a more complex one. Although I am not an expert on either issues, I propose myself to talk to you about the implications of one issue over the other, and, if possible, to draw some perspectives. Here, the issue will be the religious fundamentalism and its implications for the gender issues. Out of ethics, I do not accept writing about internal situations of religions other than mine. Even

* É teólogo, biblista e monge beneditino. É assessor das Comunidades Eclesiais de Base e dos movimentos populares. Membro da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (Asett). Tem 32 livros publicados em várias línguas e colabora com várias revistas nacionais e estrangeiras.

if, out of ecumenical care, I allude to situations that exist in several religions, I must, out of an ethical demand, restrict myself to religious fundamentalism in the Christian churches. I write these lines as a provocation to dialog, and, thus I will purposely leave this text incomplete and open.

Keywords: Gender – Fundamentalism – Christianity.

El parto difícil de una profecía erótica: el fundamentalismo religioso y la cuestión de género

RESUMEN

A primera vista, temas como el fundamentalismo religioso y la cuestión de género se excluyen y se ignoran. El primero ha nacido y desarrollado como reacción a cualquiera pretensión de modernidad. Es una actitud de prevención y cierre a cualquier cambio. La segunda (la cuestión de género) es precisamente una exigencia de paridad social y de relación humana, adonde antes dicha cuestión no estaba prevista.

Por su propia naturaleza profética, la relación de género rompe tabús y suscita cambios sociales, imposibles de ser alcanzados en el pasado idealizado por los fundamentalistas. Fundamentalismo y cuestión de género se excluyen, sea cuando se trata de fundamentalismo político nacionalista o de fundamentalismo económico, o el más diseminado de todos: el fundamentalismo religioso. Entretanto, no basta decir eso. El tema es más complejo. Aunque yo no sea un especialista en cualquier de los temas, me propongo a conversar con vosotros sobre las implicaciones de una cuestión sobre la otra y, caso sea posible, delinear algunas perspectivas. Aquí tomaré como cuestión el fundamentalismo religioso y sus implicaciones para las cuestiones de género. Por una cuestión ética, no acepto escribir sobre situaciones internas de otras religiones que no son las

mías. Aunque si, por cuidado ecuménico, yo aluda a situaciones que existen en varias religiones, yo debo, por exigencia ética, restringirme al fundamentalismo religioso en las iglesias cristianas. Escribo estas líneas como provocación al diálogo y, por lo tanto, intencionalmente, dejaré este texto incompleto y abierto.

Palabras clave: Género – Fundamentalismo – Cristianismo.

1. Em meio a muitos fundamentalismos

Como dizem que o fundamentalismo é o fenómeno (para não dizer movimento) que mais cresce nas diversas religiões do mundo, de fato ele está sendo muito discutido. Recentemente, de 21 a 22 de agosto de 2008, o Fórum Ecumenismo Brasil realizou, promovido pela Aste, Cese e Koinonia, entidades ecumênicas e de estudos da religião, um seminário específico sobre “Fundamentalismos, Hoje”, com participação de estudiosos e militantes de várias Igrejas cristãs do Brasil e alguma participação de outros países. No plano teológico, em 1992, a revista internacional *Concilium* consagrou um número especial a este assunto (n. 241/1992, n. 3) e enfocou o assunto a partir das mais diversas Igrejas e religiões.

De tudo o que li, tendo a concordar com uma definição de fundamentalismo dada pelos sociólogos norte-americanos Anton Shupe e Jeffrey Hadden: “O fundamentalismo é um movimento que visa recuperar a autoridade sobre uma tradição sagrada que deve ser reintegrada como antídoto contra uma sociedade que se soltou de suas amarras institucionais” (SHUPE; HADDEN, 1989:111).

A partir de uma perspectiva sociológica, o fundamentalismo parece ser questão de poder. Não aceita a separação que a modernidade fez entre sagrado e secular e quer, a todo custo, trazer a religião de volta ao centro do mundo e da preocupação das pessoas. Para isso, os fundamentalistas idealizam o passado e querem voltar ao que seria este tempo primeiro de fidelidade e rigidez doutrinal. Nenhum historiador ou sociólogo encontrará em momentos do passado a projeção de tais idéias, mas, pouco importa. Os fundamentalistas apresentam-se como

restauradores desse passado idealizado. Dito dessa forma, mesmo o fundamentalismo religioso tem forte conotação política. Se se trata de restituir à religião o poder de julgamento e decisão nas sociedades, é importante ter o poder político para fazer isso. Em todos os países, os movimentos fundamentalistas tendem a defender partidos e políticos de extrema direita que se unem às suas pretensões de poder sacral, mesmo quando estes políticos e partidos defendem propostas de racismo e violência. Os fundamentalistas apresentam-se como os mais religiosos e mais puros do que os outros. Entretanto, na Espanha, sustentaram a política do general Franco. Para eles, fundamentalistas católicos, o critério para apoiar o generalíssimo era que este exigia que todo militar fizesse anualmente a Páscoa (sob pena de prisão). Pouco importava se o regime torturava dissidentes e fazia desaparecer revolucionários. Mais tarde, na França, os lefevristas ligaram-se ao partido de Le Pen, mesmo este defendendo claramente a superioridade da raça branca e a repressão aos migrantes (“A Europa para os europeus!”). Nos Estados Unidos, fundamentalistas evangélicos sustentam a política de Bush, sempre por motivos religiosos, ou seja, como expressão de sua fé. E mesmo nas últimas eleições, os bispos católicos, mesmo já tendo a experiência da invasão do Afeganistão e do Iraque, propuseram aos católicos votar em Bush porque o outro candidato defendia a união estável de homossexuais e não era tão rigidamente contra o aborto, em qualquer caso e circunstância.

Atualmente, quando se fala em “fundamentalismo religioso”, muita gente pensa logo nos movimentos muçulmanos ditos fundamentalistas. Entretanto, o fundamentalismo religioso começou no início do século XX, nas Igrejas protestantes norte-americanas e como movimento contra as tendências de interpretar a Bíblia a partir da crítica histórica e do evolucionismo (MARTY, 2004:762-763). No plano teológico, os fundamentalismos definem-se como uma atitude ou tendência teológica ou espiritual que consiste em se agarrar ao que acreditam ser os fundamentos da fé e lutar para que não sejam adaptados nem relativizados.

Quase todos os movimentos fundamentalistas são, por natureza, movimentos agressivamente

voltados contra aqueles que, presumivelmente, provocaram os desvios históricos ou as heresias responsáveis pelos erros que os fundamentalistas combatem. Assim, os fundamentalistas protestantes combatem as teorias evolucionistas e os fundamentalistas católicos não podem ouvir falar no papa João XXIII e no Concílio Vaticano II. Ambos sentem a mesma ojeriza em relação aos movimentos feministas e às questões de gênero.

2. Para viajar por questões de gênero

A Fundação Perseu Abramo publicou na internet uma pesquisa feita com jovens de todo o Brasil sobre como se sentem na vida. Entre muitas outras questões, a pesquisa abordou as questões de sexualidade e de gênero. Reproduzo aqui alguns dados desta pesquisa resumida na internet.

Questionou-se sobre o que é melhor na juventude, ser homem ou ser mulher. As respostas mostram que 54% das pessoas entrevistadas (jovens) consideram que é melhor ser um rapaz, contra 29% que declaram que ser mulher é melhor. Aqueles que acreditam que tanto faz o sexo somam 17%. (Pergunta 13). Essas taxas diferenciam-se significativamente entre os sexos: do total de rapazes entrevistados, a maioria (82%) acredita que é melhor ser do sexo a que eles pertencem e apenas 4% consideram que ser mulher é melhor na juventude. Ainda entre os meninos, encontra-se a taxa de 14% que acham que tanto faz o sexo do jovem, que é igual tanto para a mulher como para o homem. Entre as meninas a taxa que indica que ser do seu próprio sexo é melhor cai para 52%, portanto, metade das entrevistadas. As meninas que consideram que ser homem é melhor são aproximadamente 3 em cada 10 (28%) e 20% afirmam que tanto faz ser jovem homem ou mulher (Pergunta 13).

As razões que justificam a percepção de que ser homem é melhor concentram-se nas vantagens do homem: “ter mais liberdade, poder fazer mais coisas que a mulher” (33% do total de entrevistados, 48% entre os meninos e 19% entre as meninas). Ao contrário da liberdade, a valorização do ser mulher está na idéia de “ter mais responsabilidade (4%) e ser mais madura (3%)”. Os

que acham que tanto faz ser homem ou mulher baseiam-se na idéia de que “ambos se divertem igual, fazem as mesmas coisas” (8%). (Pergunta 14). Enquanto os meninos se dividem quanto à concordância com a frase “nas decisões importantes, é justo que o homem tenha a última palavra” (49% apóiam, contra 51% que discordam), a maioria das meninas discorda (78%, contra 21% que concordam).

Conforme a pesquisa, 45% dos rapazes consideram que, em um casal, é mais importante o homem ter mais experiência sexual que a mulher. Entre as moças, 32% concordam com isso. Discordam desta idéia, 66% das entrevistadas e 55% dos entrevistados.

“Se a mulher trair o marido com outro homem, é justo que o marido bata na mulher” é uma prática rejeitada por 93% das mulheres entrevistadas e 79% dos rapazes entrevistados. Isso significa que ainda se encontra no Brasil 21% dos rapazes que concordam com essa violência, sendo que 12% afirmam concordar totalmente (Pergunta 89).

Aproximadamente três em cada dez rapazes metropolitanos concordam que a mulher casada deve satisfazer o marido sexualmente, mesmo quando não tem vontade. Essa também é a opinião de 16% das meninas. Declaram-se contrários a isso 71% dos homens e 82% das mulheres entrevistadas.¹

Analistas de várias áreas estão estudando os resultados da pesquisa. No próprio *site* já se encontram a síntese e alguns comentários. A mim me impressiona o fato de ser um levantamento feito com jovens, majoritariamente de cidades, e que, apesar de indicar alguma mudança na sensibilidade cultural, revela o quanto, na sociedade vigente, as relações entre homens e mulheres, rapazes e moças, ainda são desiguais e injustas, como as tarefas e papéis que a sociedade prepara para cada um.

Sem dúvida, é uma conquista considerar o gênero e as relações de gênero como elementos constitutivos das relações sociais e que proble-

matizam e transformam as questões de poder na sociedade (SCOTT, 1990:5).

O termo gênero é um conceito construído socialmente para se compreender melhor e de forma nova as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, para analisar os papéis que cada um assume na sociedade, assim como as relações de poder estabelecidas entre eles. É claro que esta análise não pode nem deve ser neutra. É construída a partir da realidade de desigualdade e injustiça. Em uma análise de gêneros, assume-se a perspectiva feminista, mas com um dado novo: homens e mulheres se unem a partir da opção de igualdade e de reconquista da dignidade e do *empoderamento* da mulher.

No campo da teologia, nas mais diversas religiões, experimenta-se certa esquizofrenia cultural e social. De um lado, quase todas as religiões se desenvolveram em sociedades patriarcais e adotaram o próprio modelo do patriarcalismo como linguagem da revelação divina: “Deus é Pai”. Os ministros homens representam a divindade, e assim por diante. Em muitas religiões, homens e mulheres trabalham a história e a teologia para repensar os fundamentos, as origens e as crenças a partir do imperativo da relação de gêneros: igualdade na diferença. Em várias religiões, a relação de gênero é uma categoria de análise indispensável e permanente. No judaísmo e nas mais diferentes Igrejas cristãs, a própria Bíblia tem sido inteiramente relida e interpretada à luz das relações de gênero².

3. A fácil tentação de um fundamentalismo *light*

Muitos estudiosos têm chamado a atenção para uma crise estrutural da maioria das religiões (CORBÍ, 2002; RAMONEDA, 2005). Alguns acreditam que, em uma sociedade do conhecimento, as velhas religiões, pensadas para sociedades agrárias, não têm mais sentido, a não ser que revissem todo o seu aparelho dogmático e institucional (CORBÍ, 2002). Outros, principalmente os latino-americanos, fazem uma análise mais dialética e

¹ Dados do resumo da pesquisa realizada pelo núcleo de opinião pública da Fundação Perseu Abramo, Disponível em: <<http://www.noolhar.com>> e no *site* da fundação.

² Cf. na série POR TRÁS DAS PALAVRAS, os estudos do CEBI em que mulheres interpretam os livros e questões da Bíblia.

distinguem mais os elementos da religião que estão em crise de outros que parecem em pleno apogeu, como a religiosidade mais livre e espiritualista. De qualquer modo, a maioria está de acordo que existe uma crise. Quem conhece mais de perto as estruturas religiosas das Igrejas, como também quem tem contato com mosteiros budistas ou com a hierarquia dos terreiros de candomblé na Bahia, percebe que, por mais que a crise não seja assumida, ela avança e provoca reações. No islamismo de natureza pré-técnica, confrontado com o mundo moderno, a primeira reação é de medo e de auto-defesa, principalmente nas comunidades islâmicas de migrantes na Europa ou Estados Unidos. O orientalismo ocidentalizado relê elementos da cultura hindu ou budista de forma necessariamente mais rígida e estreita do que quando os mesmos costumes e princípios são vividos no Oriente. Da mesma forma, em muitas Igrejas cristãs, as hierarquias procuram sair da crise fortalecendo as estruturas e voltando à rigidez da doutrina. Na Igreja Católica, é o que João Batista Libânio chamou de “a volta à grande disciplina” (LIBÂNIO, 1986).

Nestas religiões, existem grupos fundamentalistas que se assumem como tal. Apesar de fazerem muito barulho e dizerem que o fundamentalismo é o movimento religioso que mais cresce no mundo, o fato é que, dentro das estruturas das Igrejas e religiões, os grupos propriamente fundamentalistas são ainda minoritários e não representam o conjunto. Entretanto, com a onda conservadora e legalista, presente na maioria das religiões e Igrejas, surgiu uma versão *light* do fundamentalismo. Os que vivem esse tipo de cultura não se assumem como fundamentalistas e em alguns setores da vida e do pensamento não o são. Mas são fundamentalistas quanto à estrutura eclesiástica e a vários aspectos da teologia e espiritualidade. Às vezes é difícil traçar limites nítidos entre os fundamentalistas e os tradicionalistas ou conservadores mais nuançados. Esta ambigüidade confere ao fundamentalismo uma força política e eclesiástica que ultrapassa os grupos marginais radicais que o adotam integralmente.

Desde os anos 1990, o Conselho Mundial de Igrejas que, em outras décadas, teve uma importância tão grande na luta contra o racismo na África do Sul,

agora tende a ficar restrito à administração de questões internas de poder eclesiástico e sua própria sobrevivência. Na Igreja Católica, desde o começo do papado Ratzinger, as idéias fundamentalistas são mais comumente assumidas como oficiais. O papa atual não hesita em mostrar claramente ser contra tudo o que vem do Concílio Vaticano II e sempre fala que quer salvar a Igreja do relativismo e da perniciosa modernidade. Está convencido de que a cultura ocidental se identifica simbioticamente com a cultura cristã. Em uma sociedade corporativista, como são o exército e a Igreja, o fato de o papa assumir tal posição faz com que muitos bispos e padres que em outro contexto seriam abertos, assumam um fundamentalismo *light* de conveniência. O próprio fato de ser, em princípio, um fundamentalismo “leve” é contraditório e revela certa incoerência, mas, infelizmente, tem em comum com todo fundamentalismo uma indiferença ao mundo atual que o faz fechado ao diálogo. Além disso, há princípios rígidos e absolutização da estrutura eclesiástica. Podem chamar este fenômeno como quisessem, mas os analistas têm razão quando dizem: “tratar o magistério eclesiástico, do mesmo modo como os protestantes fundamentalistas tratam a Bíblia, se constitui como um verdadeiro *fundamentalismo papal*, hoje, cada dia mais espalhado nos meios eclesiásticos e clericais católicos” (DALY, 1985:794).

Enquanto na maioria dos países, a humanidade se renova pelas conquistas que vêm da igualdade das mulheres, muitas Igrejas e religiões voltam atrás e se fecham mais ainda a uma justa relação de gêneros. Todas elas vêm de um mundo no qual o patriarcado era o alicerce fundamental da sociedade. Conforme um estudioso do mundo antigo greco-romano, até os séculos do Iluminismo na Europa, a convicção comum é que “só existia um sexo: o masculino. O feminino era o masculino desviado e invertido” (COSTA, 2003). Muitas religiões incorporaram o patriarcalismo como artigo de fé. As Igrejas cristãs também.

Em décadas recentes, algumas Igrejas evangélicas e algumas pentecostais abriram seus ministérios de coordenação às mulheres. Para algumas Igrejas que continuam lendo a Bíblia ao pé da letra, tal passo foi de muita coragem e profetismo. Outras mais históricas (a Anglicana e a Luterana)

tiveram uma evolução mais tranqüila. Mas os debates na Comunhão Anglicana quase a dividiram em duas. Muitos padres e bispos negaram-se a acolher as novas orientações e não foi pequeno o número de padres que passaram à Igreja Católica Romana para não terem de conviver com mulheres pastoras e párocas.

Não podemos generalizar, mas é importante dizer que muitas dessas Igrejas ainda precisam vencer o desafio da desigualdade simbólica e ideológica. Na maioria dessas Igrejas, as mulheres podem ser pastoras, até bispos, mas os verdadeiros cargos de poder e supervisão estão nas mãos de homens. Por outro lado, as mulheres têm de cumprir ministérios previstos para homens. Há Igrejas em que elas vestem paramentos masculinos para celebrar e coordenam paróquias como qualquer padre. Não basta abrir o ministério para vencer condicionamentos que vêm ainda do velho patriarcalismo.

4. Nos fundamentos, abertura e diversidade

Os fundamentalistas não aceitarão a análise justa de companheiras feministas: “Quando estudamos as estruturas doutrinárias, litúrgicas e disciplinares das Igrejas, temos de concordar que Aristóteles e Cícero, com suas idéias de domínio patriarcal, marcaram mais profundamente o cristianismo do que todo o Novo Testamento, o Antigo Testamento e o judaísmo pós-bíblico” (SCHOTTROFF, 1997:369-370).

Concordar com isso destruiria a própria base do fundamentalismo bíblico protestante e do fundamentalismo teológico e papal, mantido por muitos católicos. Entretanto, estudos do cristianismo primitivo e, segundo Elizabeth Fiorenza, do próprio judaísmo no tempo de Jesus revelam comunidades mais inclusivas, nas quais as mulheres tinham vez. Quando o grupo de Paulo se apropria do termo *eklesia* (nas cidades gregas, assembléia dos cidadãos) e oficializa o termo “Igreja” para a reunião dos grupos de discípulos de Jesus dentro das sinagogas, está indicando um novo tipo de “assembléia” e de cidadania que não é mais a da elite das cidades do Império, mas aberta a todas as pessoas não reconhecidas como cidadãos, homens e mulheres. Embora, alguns anos depois, os próprios cris-

tãos tenham relido textos e reelaborado tradições para apagar a memória deste protagonismo da mulher nas primeiras Igrejas³, permanecem nos textos vários indícios.

Os *Atos dos apóstolos* referem-se às filhas de Filipe como profetizas (At 21.8), aludem às igrejas que se reúnem nas casas de mulheres, como Lídia, (At 16.4), Tabita de Jafa, Prisca em Corinto, Maria, mãe de João Marcos, e assim por diante. “É provável que o conflito ao qual Lucas alude entre helenistas e hebreus (Atos 6) tenha ocorrido por causa do papel e participação de mulheres na celebração da ceia eucarística” (SCHUSSLER FIORENZA, 1992:197). Ao que tudo indica, o grupo de Tiago não aceita participar de uma reunião dirigida por uma mulher (cf. At 12.17).

Não é este o lugar de fazer exegese do Novo Testamento a partir da mulher. O que quero é salientar que, no âmbito das Igrejas, o aprofundamento dos estudos sobre as origens pode favorecer uma abertura maior para uma cidadania plena de mulheres e homens nas assembléias eclesiais de hoje.

Não é difícil provar que em várias Igrejas antigas as mulheres podiam coordenar eucaristia, dirigir a assembléia e ser diaconisas. A conquista das mulheres ao direito de plena participação e protagonismo total nos ministérios eclesiais não pode depender da aprovação de textos antigos. São os fundamentalistas que dependem, assim, de forma legalista, do passado para viver o presente. Quem trabalha por uma justa e atual relação de gênero sabe que, mesmo que o passado não aprovasse, teríamos, atualmente, obrigação ética de lutar contra o patriarcalismo e pedir às Igrejas e religiões uma mais igualitária relação de gênero.

Quem acompanha as lutas populares sabe que, durante todo o tempo, as vítimas do racismo têm de se precaver para não se deixar contaminar pelo germe do mal que atacam. Do mesmo modo, nós, que trabalhamos por relações de gênero justas e dignas, podemos aprender dos grupos e movimentos fundamentalistas a não nos fechar em nós

³ O livro de John Crossan sobre Paulo— mostra que muitos dos textos mais fechados de Paulo com relação à participação da mulher na comunidade (1 Co 7 e 1 Co 11) teriam sido acréscimos posteriores a Paulo.

mesmos. Precisamos evitar, a todo custo, criar capelas sectárias e com jargão tão especializado que acabemos falando de nós para nós mesmos e não nos demos conta de que avançamos para um mundo ideal sozinhos/as e que o mundo ao redor não nos acompanha e nem imagina o planeta em que ideologicamente vivemos. Isso não ajudará em nada, nem a nós mesmos/as, nem à causa comum. Custe o que custar, temos de nos manter em comunhão e contato com a humanidade que caminha, alguns passos à frente e outros nem tanto. As Igrejas, encantadas com seus grupos tradicionalistas e alguns fundamentalistas, sempre caminharão mais atrás. Por mais que tudo isso canse e nos fira a paciência, não adianta nos isolarmos no círculo dos bem-pensantes que não estão mais “nessa fase”. Se fizermos isso, reinventaremos em nossos círculos tão abertos e simpáticos um fundamentalismo *light* que é sempre fundamentalismo e não ajuda em nada. Manter-se na relação é a única forma de exercer a profecia. Exigir uma correta e digna relação de gênero é a forma de pedir que as Igrejas vivam verdadeiramente o que Paulo, às vezes contraditório e de cultura tão patriarcal, propunha: “Judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres, todos são iguais em Jesus Cristo” (Gl 3.27-28).

Referências

- CORBÍ, Mariano. *Religión sin religión*. Barcelona: CER, 2002.
- COSTA, Jurandir Freire. O lado escuro do Iluminismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 mai. 2003. Caderno MAIS.
- DALY, Gabriel. In: *Journal the American Academy of Religion*. Dec. 1985.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO Disponível em: <<http://www.noolhar.com> e no site da fundação>.
- LIBÂNIO, João Batista. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1986.
- MARTY, Martin. Fundamentalismo. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004. p. 762- 763.
- RAMONEDA, Joseph. Tiene futuro la religión? La crisis de la religión y del laicismo. In: *Pasajes*, n. 18, 2005.
- SCHOTTROFF, Luise. Patriarcado. In: GOSSMANN, Elizabeth (org.). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 369- 370.
- SCHUSSLER FIORENZA, Elizabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SCOTT, Joan W. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, jul.-dez. 1990.
- SHUPE, Anton & HADDEN, Jeffrey. *Secularization and fundamentalism reconsidered*. New York: Paragon House, 1989. v. III.